

VICENTE CAÑAS

# AUDIÊNCIA VAI REVER O CRIME

Todas as provas possíveis para punir os acusados estão sendo anexadas ao processo

NOELMA FERNANDA DE OLIVEIRA

Reportagem Local

Uma nova audiência para esclarecer, definitivamente, a morte do irmão Jesuíta Vicente Cañas, está marcada para acontecer no dia 20 de novembro, na cidade de Juína. O tempo será suficiente para autoridades dar todos os encaminhamentos necessários para punir os acusados, inclusive juntar provas importantes no processo como o óculos e um cacete que teria sido utilizado para imobilizar o religioso.

Apesar da promotora de Justiça da Comarca de Juína oferecer denúncia em dezembro de 1993, pela prática de homicídio doloso qualificado contra Ronaldo Antônio Osmar (ex-delegado de Polícia), Pedro Chiquetti, Antônio Mascarenhas Junqueira, Camilo Carlos Óbicie, (fazendeiros), e José Vicente da Silva (funcionário) e Martinez Abadio da Silva, todos permanecem em liberdade até hoje.

O caso deve ter novo rumo com o encaminhamento para Juína de peças que devem ser utilizadas para elucidar o crime, que estão guardadas na Delegacia de Homicídios de Cuiabá, desde a época do crime. O indigenista Cañas foi morto no mês de abril de 1987, mas seu corpo só foi encontrado cerca de 40 dias depois, em 14 de maio de 1987, por indigenistas que sentiram sua falta, após tentar vários contatos sem sucesso via rádio.

A morte do irmão teve grande repercussão, fato esse que até os dias atuais a Anistia Internacional procura saber quais os encaminhamentos que estão sendo dados pela justiça de Mato Grosso, dada a barbaridade do crime. Ele foi encontrado morto, poucos metros de distância de sua barraca, às margens direita do rio Juruena, município de Juína, situada próximo a entrada da área indígena, que trabalhava.

A razão de sua morte ainda é oculta, embora com toda morosidade da justiça existam argumentos que incriminam invasores e fazendeiros da região. No período de sua morte Cañas estava trabalhando, em Mato Grosso, junto ao povo Enawenê-Nawê.

Com a demarcação da área indígena Salumã, do povo Enawenê-Nawê, o religioso passou a receber sérias ameaças de mortes dos invasores e ocupantes das terras que faziam limites com a dos índios, dos municípios de Juína e Brasnorte.

Conta um dos depoimentos, que

dois anos antes de sua morte, num embate de índios e brancos, dois topógrafos teriam morrido e a partir daí o padre por defender a área dos índios passou a receber as ameaças.

## Inquérito

O inquérito policial para apurar a morte do irmão foi instaurado em 1987, mesmo presidido por um delegado especial nomeado de nada adiantou, já que transitou lentamente, além da alegação da polícia da falta de verbas. Dada a crueldade do crime, entidades não governamentais se empenharam para elucidar o caso.

Em 1988 foi descoberto que o delegado da polícia civil do município de Juína, Ronaldo Antônio Osmar, seria um dos mandantes do crime, e mais tarde foi denunciado na Ação Penal. Nos dois anos seguintes, duas organizações que trabalham com a questão indígena, Cimi e Opam, conduziram uma investigação paralela, com a orientação de dois renomados advogados criminalistas do País, Luiz Eduardo Grenhalgh e Michael Mary Nolan, que estiveram no Mato Grosso.

Com esta investigação o caso ganhou novos rumos

Nos últimos dias a advogada Michael Mary Nolan, de São Paulo, voltou a pedir novos encaminhamentos, como peças utilizadas no assassinato, para que se possa de uma vez punir os culpados.

## Elucidação

Para desvendar o crime, cortes de tecido com sinais de perfuração e crânio do religioso foram periciados pelo Instituto de Medicina Legal do Estado de Mato Grosso (IML-MT), que concluiu ser indeterminada a causa mortis. Dados estes contestados pelo perito Olinto de Oliveira, que fez os primeiros levantamentos da morte e afirmou que houve luta corporal, praticado por mais de uma pessoa no local.

Hoje, o então perito é delegado de Homicídios de Cuiabá. Para ele, existiam sinais claros de perfuração epigástrica, região do abdômen. Pelos levantamentos, Olinto diz que o Cañas estaria tomando banho, quando as pessoas chegaram na sua cabana. "Encontramos dois calções, um com sinal claro que estava molhado e o segundo pronto para ser usado", relata, acrescentando que o irmão teve reação.

"Uma sandália, havaianas, foi

encontrada com uma das tiras solta, comprovando que houve luta", alega, inconformado com a falta de elucidação para o caso. Outra peça achada pelo perito foi o óculos com uma das lentes quebradas, mostrando que ele foi acertado em dos olhos.

Encontrado ainda e juntado as provas do assassinado uma faca peixeira de 31,5 centímetros, que de acordo com o delegado, apesar da ferrugem foi detectado substâncias semelhantes a sangue. O relógio também revela outra curiosidade, relembra Olinto de Oliveira, marcava 10h30 de oito de abril.

Cuidadosamente, ele colheu outras provas menos cabais como a dentadura que estava no chão, mediu o barraco, que tinha três metros por dois e meio. Os pedaços da lente do óculos, segunda a sua análise, dá a direção exata de como lhe foi acertado.

Vicente teria ficado desacordado com uma pancada de cacete, em forma de mão-de-pilão na cabeça. Substâncias idênticas a de sangue também foram encontradas, demonstrando sua utilização, comenta Olinto.

Pelo depoimento que data de 1987, de Manoel Oliveira Costa e Silva, também é considerado provável suspeito, na opinião do delegado Oliveira. Segundo ele, é preciso fazer uma série de investigações, para identificar onde ele estaria na época do crime.

## Mistérios

O material colhido pelo IML-MT, foi enviado ao IML do Estado de Minas Gerais, em Belo Horizonte, para nova perícia, de onde o crânio do religioso Vicente Cañas desapareceu misteriosamente.

Em 1989, numa das praças de Belo Horizonte o crânio foi descoberto. O fato até hoje não foi explicado pelas autoridades. A conclusão da perícia do IML-MG não alterou em muito os dados do IML-MT.

O paradeiro de alguns objetos utilizados no crime que até então eram dados como desaparecidos permaneciam em poder da Delegacia de Homicídios de Cuiabá, que deverão somar com outras peças, e, finalmente dar novos rumos ao caso.

## Como está o processo

Apesar da denúncia recebida em maio de 1994, até o dia 20 de agosto, de acordo com a advogada e Assessora Jurídica do Conselho

*D. J. M.*

Indigenista Missionário, Rosane Lacerda, o processo se encontra parado, mais uma vez em razão da falta de comparecimento dos acusados, e nunca foi realizada uma audiência (quatro já foram marcadas em 19.09.94 - 14.12.95 - 02.04.96 e 1.08.96)

Os motivos alegados são sempre os mesmos; doença e não cumprimento de precatórias por impossibilidade de entrega aos réus, coincidentemente, estavam durante as audiências viajando. O fazendeiro Pedro Chiqueti, teve seu paradeiro certificado pelo oficial de justiça como incerto e foi decretada a revelia.

Mesmo assim as ameaças não param. Os indígenas Rikbatsa arrolados como testemunhas de acusação, vem sofrendo ameaças veladas por parte dos envolvidos no caso, relata a advogada Rosane Lacerda. Em função das ameaças os indígenas passaram a ser acompanhados pelo advogado da Funai.

### Jesuítas

"A impunidade pode criar uma cadeia de costumes", disse o padre Jesuíta João Cláudio Rhoden, da Provincial de Jesuítas do Rio Grande do Sul, que esteve esta semana em Cuiabá, onde cobrou da justiça o pronunciamento em relação ao assassinato do religioso Vicente Cañas.

Os Jesuítas de todo Brasil, bem como do mundo inteiro, representado em 100 países, desejam que a justiça cumpra seu papel e elucide a morte do Cañas, pediu Rhoden. "A não elucidação pode causar outros crimes. É preciso a realização do julgamento para que situações semelhantes não aconteçam", justificou.

Rhoden lembrou ainda que a morte do Cañas é o segundo crime cometido contra Jesuítas no Estado de Mato Grosso. O primeiro aconteceu há 20 anos, quando o padre João Bosco Burnier, ao defender duas mulheres que estavam presas numa delegacia em São Félix do Araguaia, foi morto por uma policial na própria delegacia.

Os Jesuítas chegaram no Brasil em 1539. Hoje, no País existem 900 religiosos, cinco no Estado, somando 23 mil no mundo. A sede dos Jesuítas fica em Roma. Eles estão divididos em quatro Províncias que abrangem todo o território brasileiro. As províncias estão em Porto Alegre, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco.

NOTA: Os 13 missionários (as) do CIMI-MT que estavam em Juína o dia 01/08/96 para participar da 4ª audiência sobre o caso do assassinato do Irmão Vicente Cañas ficaram sabendo, minutos antes da hora marcada para a realização da audiência, que está, mais uma vez, tendo sido adiada pelo Juiz. Foi marcada mais uma audiência para o dia 19/8